

“os dois arquitetos não pensaram em construir
beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles,
e deixaram o espanto inexplicado. a criação não é
uma compreensão, é um novo mistério. quando
morri, um dia abri os olhos e era Brasília”

Clarice Lispector,
“nos primeiros começos de Brasília”

“um dia abri os olhos e era Brasília”

catálogo de exposição

ESTE PROJETO É REALIZADO COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DISTRITO FEDERAL

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL



**Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa**

Índice

4 **texto curatorial**

9 **artistas**

10 Cecília Lima

14 Gustavo Silvamaral

18 João Trevisan

22 **obras**

24 Cecília Lima

34 Gustavo Silvamaral

44 João Trevisan

54 **ficha técnica das obras**

58 **ficha técnica da exposição**

“um dia abri os olhos e era Brasília”

por Ana Velar e Renata Reis

4

O Museu de Arte de Brasília ocupa hoje um edifício que não foi construído, inicialmente, para funcionar como um espaço cultural, mas sim para servir como um anexo do Brasília Palace Hotel durante a construção da nova capital. Por anos, o local seguiu tendo diferentes funções e só passa a existir como museu décadas depois da inauguração de Brasília, em 1985, quando é cedido à Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

Apesar de haver um primeiro projeto para a construção de um museu de arte na nova capital, esse novo espaço concebido pela construtora Novacap – responsável pela edificação do projeto da cidade – nunca saiu do papel. Planejado pelos arquitetos Otávio Sérgio de Moraes e Flávio de Aquino em 1959, o edifício seria constituído por uma grande sala de exposições e uma reserva técnica, e estaria localizado na Esplanada dos Ministérios, próximo ao Teatro Nacional¹.

1 GUIMARÃES, Maira Oliveira. *MAB: O Museu de Arte de Brasília desde o Anexo do Brasília Palace Hotel*, 2020

Possuindo acervo de arte moderna e contemporânea proveniente de doações e prêmios aquisitivos de salões locais e nacionais, o Museu de Arte de Brasília encerra suas atividades no início dos anos 2000, com pouco mais de quinze anos em funcionamento, e é reinaugurado apenas em 2021, depois de um longo e conturbado período de reformas com episódios de paralisações das obras.

Portanto, ao contrário de muitos edifícios que compõem o Plano Piloto, o MAB não se encontra num prédio monumental planejado exclusivamente para esse fim, mas ocupa, se apropria e se adapta a um espaço já existente.

De modo semelhante, “um dia abri os olhos e era Brasília” apresenta obras site-specific, como o próprio nome indica, produzidas para ocuparem um lugar específico. Ou seja, articulam-se diretamente com o espaço onde estão instaladas, neste caso, trazendo para nossa percepção aspectos históricos e simbólicos que emanam do edifício onde é hoje o Museu de Arte de Brasília - MAB.

Essa experiência e articulação dos artistas com o local começa quando Cecília Lima e Gustavo Silvamaral ocupam uma das salas da instituição e a transformam em um ateliê aberto, partilhando seus processos e experimentações entre o espaço de produção e o local de apresentação de trabalhos inéditos. Durante o período de um mês que antecedeu a abertura da exposição em si, foi possível conhecer e reconhecer de perto as pesquisas, produções e poéticas de Lima e Silvamaral, constituindo também um espaço efetivo de troca entre artistas e públicos.

Nesta exposição, Brasília é revisitada em todas as suas dissonâncias por artistas que convidam para uma experiência sensível além da visão. Os trabalhos propostos questionam símbolos e construções imponentes da capital, ao mesmo tempo que apresentam uma nova dinâmica de experiência da cidade tão diferente da imaginada na época de sua inauguração. As instalações de Cecília Lima, Gustavo Silvamaral e João Trevisan tomam os espaços do MAB para si, apresentando suas perspectivas sobre as relações urbanas evocadas por este edifício, sua história e controvérsias acerca do projeto, adaptação e realidade.

Lima comenta suas vivências nas bordas da cidade. Quando está em deslocamento pelas vias periféricas da capital federal, produz imagens com traçados imprecisos que refletem essa movimentação e a irregularidade do solo. É uma forma de coletar esses outros caminhos preteridos de Brasília, expondo no centro da capital as fissuras geográficas de uma cidade que se desenvolveu para além do planejado – como era de se esperar, porém não se esperou.

A composição lúdica disposta sobre uma lona de caminhão, estendida no centro da sala, resulta de um ato de colecionismo. Durante suas caminhadas pela cidade, a artista se apropria de vestígios que, mais tarde, são selecionados, agrupados e sobre os quais interfere. Seu interesse está na vida dos objetos e nas experiências que nos permitem ter com eles, quando evocam nossos sentidos e memórias.

Silvamaral adota materiais efêmeros que, sob formas apropriadas e reimaginadas, mobilizam a cor no ambiente. Suas instalações infláveis fazem referência a marcos e símbolos arquitetônicos da

cidade, compondo uma crítica à utopia modernista criada em torno da nova capital. São um convite para um olhar mais atento a essas construções – já cotidianas aos brasilienses – porque portam a marca de um controverso modernismo que, hoje sabemos, é contaminado por ideias politicamente excludentes.

As figuras que fazem as vezes de cobogós, das colunas do Palácio da Alvorada e de uma escultura encomendada a Niemeyer para o túmulo de Juscelino Kubitschek, apenas ganham uma estrutura mole pelo ar comprimido expelido por motores. A plasticidade do material constrói monumentos de uma “antiarquitetura” que revela a fragilidade do discurso fundador da nova capital.

Trevisan também se dedica à coleta de componentes descartados dos trilhos de trem nos arredores da capital – onde está localizada a casa de sua família –, porém seu interesse está nos restos mecânicos, nas articulações de madeira e metal que evidenciam a decadência e o abandono desse lugar. Ao reordená-los em estruturas ortogonais, demonstra as possibilidades de se reorganizar essa realidade e vivenciá-la por meio de outras formas.

As madeiras robustas e desgastadas são dispostas de forma regular e simétrica, lembrando a composição dos prédios brasilienses em sua harmonia planejada, enquanto se relacionam com as pessoas em volta, permitem a passagem de luz e ar por entre as aberturas, e não se tornam uma obstrução no local. De fato, elas acolhem o espaço em volta, conduzido à uma relação prática.

Em “*um dia abri os olhos e era Brasília*”, o diálogo com a arquitetura e o urbanismo da capital revela a contemporaneidade de um projeto de cidade do futuro que tomou os rumos do país que a idealizou. É de uma monumentalidade insustentável (Silvamara), mas também de uma tentativa de reorganização de seus destroços por meio de sentidos pessoais e afetivos (Lima e Trevisan). A experiência local dessa geração de artistas diz respeito à atual dinâmica urbana brasiliense, cuja natureza difere imensamente daquela alimentada pelos projetos políticos que inauguraram a capital inventada como num piscar de olhos. Para além disso, amplia nossa percepção da cidade em sua vastidão.

“*Por mais perto que se esteja, tudo aqui é visto de longe*”, escreveu Clarice Lispector sobre sua experiência em Brasília. A exposição é um convite a que fuja das grandes paisagens, olhemos de perto, notemos detalhes e ofereçamos nossos sentidos para as obras instaladas.

artistas

CECÍLIA LIMA

10

Cecília Lima é artista visual, vive e trabalha em Brasília, Brasil. A artista é formada em Artes Visuais pela Universidade de Brasília e expõe regularmente desde 2017. Em 2019, teve sua primeira individual na galeria Esponcedra Art and Culture, Barcelona, Espanha. Em seu campo de trabalho busca explorar relações entre arquitetura, escalas, ocupações espaciais, equilíbrio e outras dimensões constitutivas da matéria.

Através de instalações, vídeos, desenhos e outros suportes, Cecília apresenta o fragmento em diferentes escalas, pode vir a ser um horizonte, como recorte de um grande panorama, pode ser uma ocupação provisória, pode ser rastro, migalhas ou papéis de bala na calçada. Em especial, pedaços de percurso, objetos e desenhos como partes de uma coleção de bolso, diminuta e suficiente, ordenam a percepção para a profundidade. De certo modo, para encontrar tais fragmentos, é preciso escavar o minúsculo, apalpar as concavidades de situações cotidianas.







GUSTAVO SILVAMARAL

Gustavo Silvamaral é bacharel em Artes Visuais pela UNB, nascido em Brasília onde até hoje desenvolve seu trabalho. O artista constrói um diálogo contínuo com a linguagem pictórica, independente do suporte que utiliza, se posiciona enquanto pintor. Existe uma insistência em pensar o monocromático, colocando a cor como protagonista do trabalho, pensando sua relação com o espaço. O amarelo de Silva e seus possíveis significados estão sempre sendo negociados entre a obra e quem a olha, ele é potência nele mesmo e na relação que tenciona.

Silvamaral constrói uma pintura que se estende a tudo que vai de encontro ao olhar, se coloca enquanto um observador ativo do mundo, trazendo a realidade como ferramenta primordial, mas uma realidade que se altera dentro dos caprichos do olhar pictórico. Gustavo acumula diversos objetos descartados e os utiliza como referência visual essencial do seu trabalho, catalogando essas materialidades em seus inúmeros cadernos de artista, que são condutores de muitas de suas proposições.







JOÃO TREVISAN

Nascido em Brasília em 1986, João Trevisan é um pintor e escultor baseado em São Paulo. Trevisan tem exposto seu trabalho de forma constante desde 2014.

O trabalho do João Trevisan explora o valor dos resíduos desperdiçados: a conexão entre peso e leveza, tensão e equilíbrio. A base da prática artística de Trevisan é a performance. Ele se entende como um itinerante que observa e coleta objetos. No início de sua carreira, o seu ponto de partida foram os trilhos ferroviários que ficavam próximos de sua casa em Brasília, onde ele coletava dormentes descartados e sucata de ferro, incluindo parafusos e placas, que posteriormente usava para criar suas esculturas. Componentes encontrados nas margens da ferrovia eram então usados, agrupados e ordenados de diferentes formas para produzirem novas peças, criadas e projetadas conforme a dinâmica do espaço que ocupariam.



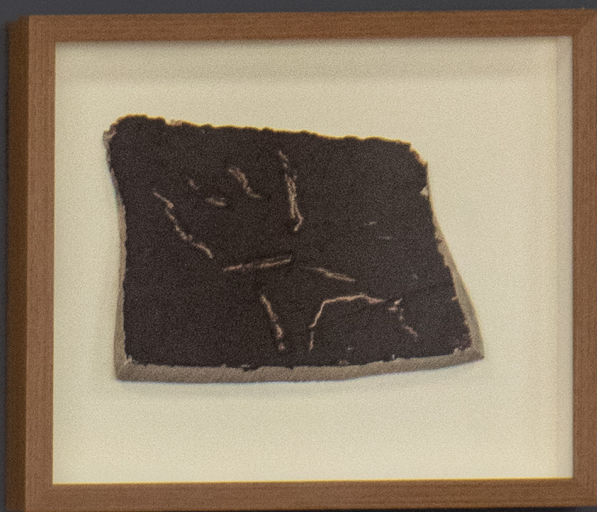


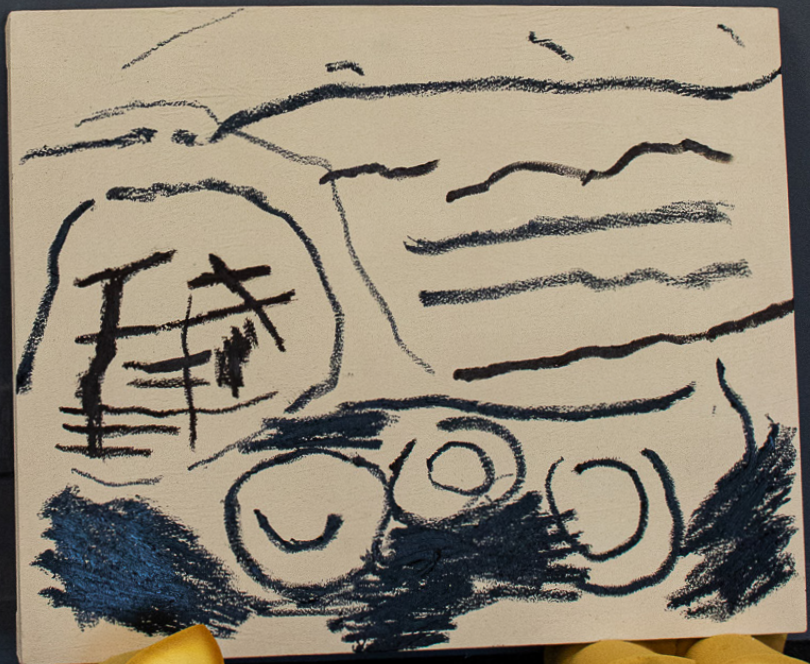


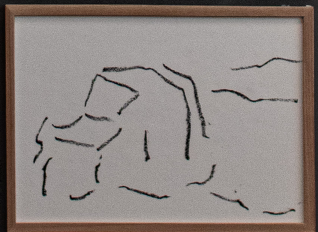
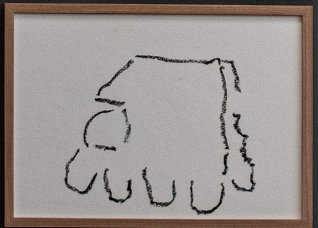
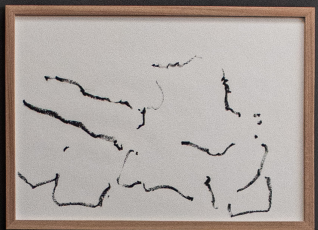
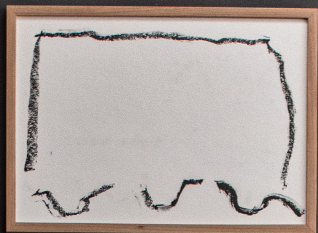
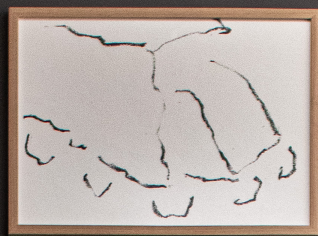
instalações

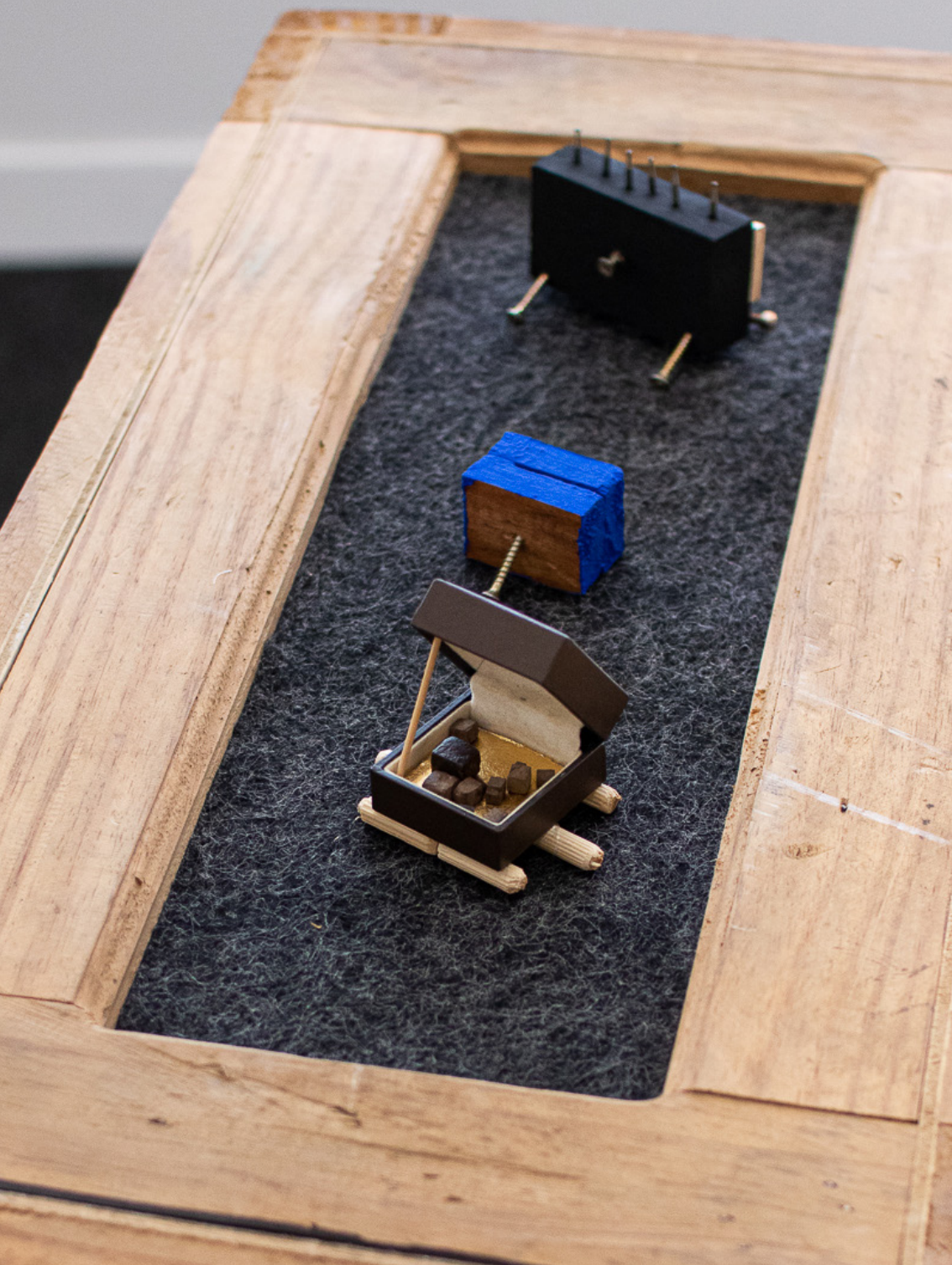




























TUDO SE TRANSFORMA EM MEMÓRIA
NESTA CIDADE
QUE SE ABRE PARA O AMANHÃ

João Paulo de Oliveira

TUDO SE TRANSFORMA EM MELHORADA
NESTA CIDADE
QUE SE ABRE PARA O AMANHÃ...

João Carlos de A. Silva





























Ficha Técnica das obras

Fotos por Clara Molina,
exceto nas páginas 34-35,
por Lucena de Lucena

Cecília Lima

páginas 24-25

Vista geral da instalação “Série Caminhões”

página 26

“Drift I”

2021-2022

Desenho por escavação Encáustica fria
sobre madeira
18x27cm

“Drift II”

2021-2022

Desenho por escavação Encáustica fria
sobre madeira
28x20cm

página 27

“BR 450 I e II”

2022

Desenho

Bastão e tinta óleo sobre tela
100x80cm

página 28

“Via Estrutural DF-095”

2020

Desenhos

Bastão a óleo sobre papel canson
29,7x42 cm cada

página 29

“Helvetica”

2022

Objeto

Madeira tinta PVA, papel, parafuso e broca de dentista
10x8x3cm

“Klein”

2022

Objeto

Madeira, tinta acrílica, parafuso e gancho

4x3x3cm

“Piritas da H STERN”

2022

Objeto

Madeira, tinta acrílica, pedras, tecido e folha de ouro

5x8x6xcm

páginas 30-31

“3/4 ou VUC”

2019-2022

Escultura

Madeira, tinta óleo e materiais diversos

Dimensões variáveis

“Balsinhas”

2019-2022

Escultura

Madeira, tinta óleo e materiais diversos

Dimensões variáveis

“Caminhão do Seu Carlos ”

2022

Escultura

Materiais variados

19x19x19cm

“Made in Brazil”

2022

Escultura

Madeira e materiais diversos

Dimensões variáveis

“Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego”

Cecilia Lima

2019-2022

Escultura

Madeira, tinta óleo e materiais diversos

Dimensões variáveis

“JHJ8752”

2019-2022

Escultura

Madeira, tinta óleo e materiais diversos

Dimensões variáveis

"Mineiros"
2019-2022
Escultura
Madeira, tinta óleo e materiais diversos
Dimensões variáveis

"Veículo longo"
2019-2022
Escultura
Madeira, tinta óleo e materiais diversos
Dimensões variáveis

"Toco ou caminhão semipesado"
2019-2022
Escultura
Madeira, tinta óleo e materiais diversos
Dimensões variáveis

página 32
"Balsinha nº4"
Escultura
2022
Madeira, tinta óleo e folha de ouro
50x50x50cm

página 33
"Mineiro nº6"
Escultura
2022
Madeira, tinta óleo e barro
7x12x14cm

Gustavo Silvamaral

Instalação

"Balduino "
2022
Plástico, cabos de aço, insuflador, adesivo vinil,
película adesiva automotiva e grafite

páginas 34-35
Vista externa da instalação "Balduino"

página 36
Vista de entrada da instalação "Balduino"

página 37
"Tijolo Círculo Cobogó"
Escultura
2022

página 38

“Luz da Alvorada”

Escultura

2022

página 39

“Luz da Alvorada”

Escultura

2022

página 40

“Monumento para o Faraó morto”

Escultura

2022

página 41

Vista da instalação “Balduino”

página 42

“Brasília 2022 - Multiverso da Loucura”

Escultura

2022

página 43

“Brasília 2022 - Multiverso da Loucura”

Escultura

2022

João Trevisan

Instalação

“Corpos que se estendem”

2022

Dormentes de madeira 1800x140cm

páginas 44-45

Vista aérea da instalação

página 46

Detalhe da instalação

página 47

Vista aérea da instalação

página 48-51

Detalhe da instalação

páginas 52-53

Panorama da instalação

“UM DIA ABRI OS OLHOS E ERA BRASÍLIA”

FICHA TÉCNICA

Gustavo Silvamaral
Artista Visual

Cecilia Lima
Artista Visual

João Trevisan
Artista Visual

Ana Avelar
Curadora

Renata Reis
Assistente de Curadoria

PRODUÇÃO

Mateus Vasconcelos

Diretor de Produção

Arthur Scherdien

Assistente de Produção

Rômulo Barros

Assistente de Produção

Andréa Glória

Produtora Executiva

COMUNICAÇÃO

Arthur Menezes

Designer Gráfico

Victor Hugo Farias

Gestor de Redes Sociais

Lambada Comunicação

Assessoria de Imprensa

Clara Molina

Fotógrafa, Diretora de arte
e fotografia

Alexandre Oliveira

Videomaker e editor de video

Cláudio Braga

Videomaker

Tatiana Elizabeth

Tradutora de Libras

EQUIPE TÉCNICA

Rômulo Barros

Montadora

Pedro Pereira

Assistente de montagem

WL

Plotagem e etiquetagem

Atalaia Gráfica e Editora

Gráfica

AGRADECIMENTOS

Alessandra Fonseca

Alisson Jasiel

Americo Amaral

André Macedo

Antônio Carlos

Dalva e Cia Restaurante

Equipe MAB

Esther Lima

Gabriel Lima

Gisel Carriconde

Iracema Barbosa

Jadson Rocha

João Marmo Martins

João Paulo Trevisan Martins

José Hadeilson

Lucena de Lucena

Malu Serafim

Maria José Trevisan

Marcelo Gonczarowska Jorge

Mercedes Loureiro

Mirella Trevisan Martins

Stella Amaral

Stenio Freitas

Viva Molduras

Yana Tamavo

ISBN 978-65-00-52841-1

brasil, brasil

2022

fonte

migra
neue montreal

papel

couche 210 g/m² em 4x4 cores (capa)
offset FSC LD 90 g/m² em 4x4 cores (miolo)
offset FSC LD 180 g/m² em 3x0 cores (jaqueta)

acabamento

laminação brilho em BOPP